



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

IMPRECISÃO E VAGUEZA: EFEITOS NA GRAMÁTICA DOS ADJETIVOS

Isadora Aparecida Santos Pinheiro

Rio de Janeiro

2018

Isadora Aparecida Santos Pinheiro

IMPRECISÃO E VAGUEZA: EFEITOS NA GRAMÁTICA DOS ADJETIVOS

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Literaturas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Paula Quadros Gomes

RIO DE JANEIRO
2018

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
1. Os adjetivos de grau na semântica de Kennedy & McNally (2005)	5
1.1. Escala aberta	7
1.2. Escala fechada	7
2. O experimento americano	7
2.1. Experimento 1	10
2.1.1. Resultados desse experimento	10
2.2. Experimento 2	11
2.3. Experimento 3	11
2.4. Considerações gerais sobre os experimentos americanos	12
3. O experimento brasileiro	13
3.1. Experimento 1	15
3.1.1. Resultados	17
3.2. Experimento 2	20
3.2.1. Resultados	23
4. Considerações Finais	26

INTRODUÇÃO

Este trabalho investiga a compreensão dos falantes de português do Brasil sobre os aspectos contextuais do significado, explorando as distinções na natureza da sensibilidade contextual (seja semântica ou pragmática) e fornece um suporte experimental para uma distinção entre duas classes de adjetivos graduáveis, baseada na teoria proposta por (KENNEDY, 1999) e desenvolvida em Kennedy e McNally (2005). A finalidade do estudo é construir, a partir de experimentos, evidências que comprovem ou contestem a distinção semântica entre os adjetivos relativos e absolutos em português brasileiro. Trata-se de um trabalho nunca realizado com os adjetivos do português do Brasil, e, embora haja diversos estudos anteriores a esse que assumam a existência de distinções entre os adjetivos, este é o primeiro experimento realizado no Brasil com o objetivo de verificar se essas intuições e a teoria dos adjetivos encontram ou não suporte empírico.

O trabalho é baseado em um experimento já realizado com os adjetivos de grau do inglês (CHRISTOPHER; JEFFREY; KRISTEN, 2009), com algumas adaptações, e um dos objetivos é investigar se a interpretação semântica atribuída aos adjetivos relativos e absolutos é a mesma nas duas línguas. Trata-se em parte, portanto, de um trabalho comparativo, que procura identificar pontos comuns ao inglês e ao português, possíveis universais semânticos, bem como distinções entre as duas línguas, além de descrever a gramática dos adjetivos de grau.

Para o desenvolvimento do estudo, da mesma forma como foi realizado no experimento em inglês, foi avaliada a interpretação das pessoas para um determinado tipo de expressão – descrições definidas baseadas em adjetivos graduáveis (AGs) – a fim de investigar a natureza da compreensão dos aspectos contextuais do significado, e, ainda, distinguir entre diferentes variedades de sensibilidade ao contexto. Por meio dessa investigação, também forneceremos um suporte experimental para a distinção entre duas classes de predicados graduáveis que se expressam diferentemente com padrões de comparação dependentes do contexto (relativos) ou fixos (absolutos) na forma positiva, além de ampliar o conhecimento acerca da semântica dos adjetivos de grau do português brasileiro.

Mais especificamente, o interesse foi acessar o conhecimento internalizado de falantes nativos do português brasileiro, com a finalidade de identificar qual é a intuição natural desses indivíduos diante de adjetivos relativos e absolutos. O interesse era determinar se a atitude diante de relativos seria diferente da atitude diante de absolutos. O experimento pretendia mostrar que imprecisão é diferente de vagueza, ou seja, que relativos e absolutos são distintos: ambos não permitem a acomodação de pressuposição da mesma forma. A hipótese é que AGs máximos não permitem a acomodação, mas AGs mínimos sim, e relativos sejam os adjetivos mais fáceis de acomodar. Os conceitos serão apresentados com detalhes a seguir.

1. Os adjetivos de grau na semântica de Kennedy & McNally (2005)

O objetivo desta subseção é apresentar o conceito de adjetivo de grau, como identificá-lo, e, ainda, apresentar a divisão dos predicados graduáveis em relativos e absolutos (KENNEDY 1999; KENNEDY; MCNALLY, 2005). Primeiramente, é importante definir o que seriam os adjetivos de grau de acordo com essa teoria.

Segundo os autores, os adjetivos de grau são aqueles que apresentam gradabilidade e denotam funções de medição, que mapeiam indivíduos ao grau correspondente à medida da propriedade que eles exibem numa escala. Os adjetivos de grau podem figurar em construções comparativas e ser intensificados, além de possuírem opostos: alto-baixo, gordo-magro, seco-molhado;

Construções comparativas:

- (1) a. O jogador é mais *alto* que o treinador
 b. *O almoço está mais *pronto* que o lanche.

Podem ser intensificados:

- (2) a. O jogador é bem/muito *alto*.
 b. *O almoço está bem/muito *pronto*.

Uma vez aceita a construção a partir desses dois testes, identificamos o adjetivo como sendo de grau. Nos exemplos acima, o adjetivo *alto* é considerado um adjetivo de grau, já que as construções de comparação e de intensificação foram bem formadas semanticamente com esse modificador, além de este ser um adjetivo que possui um oposto *alto* – *baixo*, enquanto o adjetivo *pronto* seria classificado como um adjetivo sem grau, já que as construções de comparação e intensificação não foram bem formadas do ponto de vista semântico, além do fato de ser um adjetivo sem oposto.

Dentro da categoria dos adjetivos de grau, há uma subdivisão que os separa em adjetivos relativos e adjetivos absolutos, estes subdivididos em adjetivos de grau máximo e de grau mínimo. A definição para essas duas categorias seria, basicamente, a propriedade contextual que as define, isso é, os adjetivos relativos seriam dependentes do contexto para comparações de qualquer ordem, enquanto os adjetivos absolutos não possuiriam essa dependência contextual para o parâmetro de comparação; e, ainda segundo essa teoria, os adjetivos mapeariam indivíduos a um grau numa escala, que é uma abstração, uma sequência em ordem crescente de todos os graus possíveis da propriedade, de zero a infinito. Por exemplo, ao associar o grau à propriedade ALTURA (*grande/pequeno*) a uma pessoa de 1,60m, haveria um mapeamento desse grau numa escala. Essa pessoa de 1,60m poderia ser considerada *alta* se comparada com seu irmão mais novo que tem 1,42m, e, no entanto, poderia ser considerada *baixa*, caso fosse comparada a um jogador de basquete. Nesse tipo de escala, o parâmetro

de comparação será escolhido livremente no contexto. No entanto, para outros tipos de adjetivos, como *cheio/vazio*, o parâmetro de comparação é determinado por uma certa medida da propriedade do objeto referido pelo argumento do adjetivo. Por exemplo, para que um copo seja considerado cheio, ele precisa ter 100% de ocupação, e para que seja considerado vazio, deve ter 0% de ocupação. Os adjetivos de grau possuem ainda uma especificidade: os relativos são de escala aberta; os absolutos, escala fechada. Os adjetivos relativos, por dependerem do contexto para o parâmetro de comparação, são classificados como adjetivos de escala aberta, uma vez que não há um parâmetro fixo de comparação, ele é sempre variável de acordo com o que estiver sendo comparado, ou seja, há um parâmetro que é flexível e, por isso, denominado aberto. Já em relação aos adjetivos absolutos, que possuem dependência contextual para o parâmetro de comparação, as escalas pertencentes a esse domínio são as escalas totalmente fechadas, que possuem dois AGmax, enquanto as escalas parcialmente fechadas possuem um AGmax e um AGmin. No caso de adjetivos absolutos, o grau do argumento do AG tem de ser igual ao do parâmetro para os AGmax; ou diferente dele, para os AGmin; para os relativos, o grau tem de ser menor ou maior.

A noção de tipos de escalas pode ser observada a partir dos exemplos abaixo:

Exemplos		
Escalas	Propriedades	Polos
Aberta	○-----○ ALTURA	baixo - alto
	●-----○ SUJEIRA	limpo - sujo
Fechada	○-----● SEGURANÇA	perigoso - seguro
	●-----● OCUPAÇÃO	vazio - cheio

1.1 Escala aberta

Um exemplo de escala aberta é a propriedade de ALTURA, que tem dois polos, a saber, *baixo* – *alto*. O adjetivo mapeia a altura do ser que é referência do seu argumento nominal a um grau na escala de ALTURA, por exemplo, supondo que João tenha 1,70m, ele será mapeado ao grau correspondente a esse valor na escala. O parâmetro também será mapeado a um grau da escala conforme sua medida da propriedade, mas há muitos parâmetros disponíveis. Se ele for comparado com alguém como Maria, que tenha 1,62m, diremos que João é alto, pois o grau de altura dele é o mais alto entre os comparados; entretanto, se introduzíssemos outro elemento para essa comparação,

digamos, Pedro, com 1,85m, João, com seus mesmos 1,70m, seria o grau mais baixo do segmento, e a sentença ‘João é *alto*’ seria então falsa. *Alto* requer que o seu argumento tenha o grau mais alto da comparação, e *baixo*, que o argumento do adjetivo tenha o menor grau na comparação. Imagine que agora tivéssemos que comparar a altura de Maria (1,62m) em relação a Leila, que mede 1,60m. Nesse caso, Leila seria baixa. Ou seja, o parâmetro de comparação é livre, e o julgamento do valor de verdade da sentença é influenciado pelo contexto, daí se assumir que adjetivos relativos apresentam uma dependência contextual.

1.2 Escala fechada

Para a noção de escala fechada, em vez de tomar o parâmetro livremente do contexto, o parâmetro será uma propriedade contribuída pelo argumento do adjetivo – por exemplo, a capacidade de retenção de líquido de uma vasilha, ou o limite de encaixe da gaveta embutida no móvel. Sendo assim, os valores da comparação já estão pré-estabelecidos. A propriedade da SUJEIRA exemplifica uma escala parcialmente fechada. O polo *limpo* requer a igualdade entre os graus comparados, o grau de SUJEIRA exibido por seu argumento e o do parâmetro, que é o valor de 0%. Assim, um único valor, que seria 0% de sujeira, torna a sentença "O prato está limpo" verdadeira, já que para algo ser considerado limpo, ele precisa estar completamente limpo. Qualquer valor diferente do estabelecido para *limpo*, resultaria em *sujo*, independentemente da quantidade de sujeira, isso é, sendo 6% ou 70% sujo. O parâmetro é o mesmo do polo fechado (0% de SUJEIRA), mas o polo aberto exige que o seu argumento apresente um valor distinto do marcado pelo parâmetro. O exemplo apresentado caracteriza a escala parcialmente fechada, porque atribui apenas um parâmetro fixo para a comparação, mas apenas um extremo da escala é fechada em relação de igualdade e a outra ponta aceita qualquer valor distinto dessa igualdade.

Uma escala é dita completamente fechada quando os polos dos dois extremos da escala exigem igualdade com o parâmetro. Utilizando-se a propriedade de OCUPAÇÃO, a partir dos polos *vazio* – *cheio*, vemos que há um parâmetro fixo diferente com que o argumento tem de se igualar para que algo esteja vazio, que seria 0% de preenchimento, ou para que algo esteja cheio, que seria 100% de preenchimento. Se o argumento apresentar graus diferentes dos citados não haverá ocupação mínima nem máxima do objeto analisado; ou seja, um copo que possua 70% de enchimento, ainda não seria considerado cheio, mas também não é considerado vazio.

2. O experimento americano

O estudo realizado com os adjetivos de grau do inglês (KENNEDY; LIDZ; SYRETT, 2009) pretendia acessar o que as crianças e os adultos sabiam sobre três formas específicas de interação do significado e do contexto: a interpretação das expressões cujas extensões variam em diferentes

contextos (dependência do contexto semântico); condições sobre o uso gramatical das expressões em um contexto discursivo (acomodação de pressuposição) e o uso de expressões em contextos em que as interpretações não se aplicam de forma estrita, tratando-se de uma acomodação feita por meio de hesitação (imprecisão).

O foco empírico foi o uso de adjetivos graduáveis não modificados (forma positiva¹) em descrições definidas, e a tarefa era distinguir entre dois objetos que se diferenciavam no grau da propriedade denominada pelo adjetivo, isto é, a partir da apresentação de dois objetos que possuíam uma mesma propriedade em grau distintos. O objetivo era mostrar que o adjetivo relativo permitia acomodação das (requer que haja um e apenas um objeto), para atender à premência de escolher um entre os dois objetos presentes na situação, e o absoluto não.

O estudo mostrou que o atendimento à pressuposição de unicidade e existência é diferente para adjetivos sem grau, relativos e absolutos. O trabalho fornece apoio experimental importante para hipóteses teóricas sobre a semântica de predicados graduáveis e a natureza de diferentes tipos de "variabilidade interpretativa", especificamente a dependência do contexto semântico e a tolerância pragmática da imprecisão.

Para a realização do estudo americano, foram utilizados três experimentos: no primeiro deles, o objetivo era determinar se as crianças mudariam o padrão de comparação para AGs relativos, para acomodar os pressupostos de existência e unicidade, e evitariam fazer essas acomodações com os AGs absolutos. O segundo experimento foi aplicado afim de verificar se a ordem de apresentação dos pares de objetos teve alguma influência significativa nas respostas encontradas; e o terceiro experimento foi realizado com objetivo de verificar se as respostas encontradas nos experimentos anteriores não foi influenciada por adjetivos específicos, como *cheio* e *manchado*. Abaixo seguem as especificações de cada um dos experimentos.

2.1. Experimento 1

Os experimentos relatados no artigo americano usam descrições definidas para testar a sensibilidade das crianças aos tipos de interações de contexto-significado. Especificamente, o interesse era determinar se as crianças mudam o padrão de comparação para AGs relativos para acomodar os pressupostos de existência e unicidade da descrição definida, e evitam ou não fazê-lo para AGs absolutos.

Participaram dessa tarefa trinta crianças representando três faixas etárias: 10 crianças de três anos (cinco meninos e cinco meninas, faixa: 3; 5-3; 11, M: 3; 8); 10 crianças de quatro anos de idade (quatro meninos e seis meninas, faixa: 4; 1-4; 11, M: 4; 5) e 10 crianças de 5 anos (três meninos e sete meninas, faixa: 5;1-5; 8, M: 5;5). Vinte e quatro adultos serviram como controles. Todos os

¹ Forma positiva é a forma do adjetivo sem morfologia de grau pronunciada: fácil (forma positiva) X facílmo (forma superlativa) X mais fácil (forma comparativo).

adultos nos experimentos eram estudantes de graduação do noroeste do estado que preenchiam um requisito experimental para um curso de linguística e eram falantes nativos do inglês.

Os materiais consistiam numa série de pares de objetos, cada um partilhando uma dimensão saliente (por exemplo, cor, forma, comprimento). O experimento foi dividido em uma sessão de treinamento e sessão de teste.

Os participantes foram convidados a jogar um jogo. As crianças foram apresentadas a um fantoche (jogado por um segundo experimentador) e lhes foi dito que o objetivo do jogo era ajudar ao fantoche a aprender como pedir coisas. Disseram-lhes então que seriam mostrados dois objetos de cada vez, e que, cada vez que vissem dois objetos, o fantoche lhes pediria algo. Seu trabalho era determinar se eles poderiam dar ao boneco o que ele pediu com base em seu pedido, e se eles não pudessem, para dizer-lhe porque não. Mesmo os participantes mais jovens seguiram essas instruções. Os participantes adultos interagiram com um experimentador adulto em vez do fantoche.

O teste explorou a ideia, bastante difundida na literatura, de que a descrição definida singular pressupõe tanto a existência (por exemplo, para o emprego feliz de 'me dê o quadrado vermelho', deve haver um quadrado vermelho na situação) e a unicidade (por exemplo, para que seja feliz o comando 'me dê o quadrado vermelho', deve haver exatamente um vermelho). As condições de felicidade do pedido foram manipuladas, apresentando aos participantes pares de objetos que satisfaziam ou violavam um ou ambos dos pressupostos da descrição definida. Portanto, para alguns pares, o pedido (por exemplo, "me dê o vermelho") foi feliz, porque exatamente um objeto se encaixava na descrição (por exemplo, havia um objeto vermelho e um branco). Para outros pares, a solicitação era infeliz, porque ambos os membros do par cabiam na descrição (por exemplo, havia dois objetos vermelhos) ou nenhum dos dois objetos (por exemplo, havia um objeto amarelo e um objeto azul). Para determinar se eles poderiam ou não dar ao fantoche o que ele pedia, as crianças estavam, em essência, avaliando o contexto com respeito aos pressupostos da descrição definida e, em alguns casos, acomodando a pressuposição (ou seja, entregando o objeto mais saliente com aquela propriedade).

Com base na semântica dos AG discutida nas seções anteriores, os autores previram o seguinte: como os AGs relativos, como *grandes* e *longos*, dependem do contexto para o padrão de comparação, os participantes devem estabelecer um novo padrão de comparação cada vez que um novo par é introduzido, a fim de assegurar que o adjetivo seja verdadeiro de apenas um objeto. Assim, os participantes devem sempre ser capazes de acomodar os pressupostos da descrição definida e aceitar o pedido como feliz. Como os AGs máximos têm padrões de comparação fixos e não dependem do contexto, não devem permitir a mesma flexibilidade de uso como AGs mínimos e AGs relativos. Por exemplo, se o AGmin *manchado* simplesmente significasse "tem um número qualquer de pontos", os participantes deveriam rejeitar os pedidos para entregar o objeto manchado quando confrontados com dois objetos manchados, mesmo quando cada um deles tivesse um número

significativamente diferente de pontos, porque isso iria incorrer em uma violação de unicidade. Da mesma forma, se AG_{máx} *cheio* significasse "está maximamente cheio", os participantes deveriam rejeitar os pedidos para entregar o cheio quando confrontados com dois recipientes parcialmente cheios, mesmo quando eles contivessem quantidades significativamente diferentes de substância, porque o pedido incorreria em violação de existência.

Assim, o não atendimento às solicitações nos casos de violação da pressuposição com AGs absolutos, juntamente com a aceitação de solicitações com os AGs relativos, deveria constituir evidência para uma distinção semântica entre AGs relativos e absolutos. Ao mesmo tempo, esse padrão de resultados também deveria fornecer evidências de que os participantes não estão apenas tratando a forma positiva do adjetivo na descrição definida como semanticamente equivalente à forma comparativa, que é tratar "Por favor, me dê o A" como " Por favor, me dê o mais A". Se os participantes reinterpretassem o pedido desta forma, deveriam sempre aceitá-lo, independentemente do tipo de adjetivo, uma vez que a forma comparativa de qualquer AG poderia ser usada para escolher exclusivamente aquele membro de um par que tem o maior grau da propriedade relevante: 'o mais manchado' pode ser usado com felicidade para escolher o mais manchado entre dois discos manchados, mesmo que *o manchado* não possa. Segundo os autores, embora seja improvável que os adultos reinterpretem o AG dessa maneira, é uma possibilidade que deve ser seriamente considerada para as crianças, uma vez que sua interpretação e uso de morfologia comparativa nessa idade não é totalmente como a de um adulto (cf. Donaldson & Wales 1970; Ehri 1976; Layton & Stick 1978; Gathercole 1979; Finch-Williams 1981; Gitterman & Johnston 1983; Graziano-King 1999; Moore 1999; Graziano-King & Cairns 2005, apud KENNEDY; LIDZ; SYRETT, 2009).

2.1.1 Resultados desse experimento

O Experimento 1 mostrou evidências iniciais de que adultos e crianças distinguem entre AGs relativos e absolutos, ao atribuir aos relativos denotações dependentes do contexto e, aos absolutos, denotações independentes do contexto. A única diferença entre crianças e adultos envolveu a escala completamente fechada: um número significativo de crianças deu ao fantoche o recipiente mais cheio na condição infeliz (ambos os membros dos pares não cabiam na descrição), apesar de muitas dessas crianças terem considerado separadamente que este recipiente não estava cheio. Os autores do experimento americano assumiram que uma explicação possível para esse comportamento é que as crianças tivessem dúvidas quanto ao fato de que a maximalidade é absoluta, mas se contentavam com tal interpretação (no contexto da tarefa experimental) quando recebiam exposição precoce a um objeto que exemplificasse o padrão máximo (o recipiente cheio). Uma segunda possibilidade é que as crianças foram influenciadas por seus julgamentos sobre os exemplos envolvendo os adjetivos relativos. Neste experimento, sempre que o par *cheio* na condição infeliz aparecia primeiramente, foi

precedido imediatamente por um dos pares que envolvem o adjetivo relativo *longo*. Portanto, os autores concluíram que é possível que o adjetivo relativo induzisse a um tipo de efeito de projeção, fazendo com que as crianças tratassem *cheio* como relativo, em analogia às suas decisões anteriores. O experimento 2 foi concebido para julgar entre essas duas possibilidades.

2.2. Experimento 2

Com esse segundo experimento, os autores queriam identificar a fonte do efeito da ordem observado no Experimento 1. Especificamente, buscou-se determinar se a apresentação anterior de um par relativo influenciou as crianças a tratarem como dependentes do contexto os pares absolutos, fazendo com que elas dessem ao fantoche o mais cheio dos dois recipientes infelizes.

Participaram do experimento 17 crianças de três grupos etários: seis crianças de três anos (três meninos e três meninas, três: 1-3; 11, M: 3; 5); Seis crianças de 4 anos (dois meninos e quatro meninas, intervalo: 4; 2-4; 11, M: 4; 6); E cinco crianças de 5 anos (um menino e quatro meninas, intervalo: 5; 2-5; 10, M: 5; 4). Dez adultos serviram como controles.

Os mesmos materiais e procedimentos foram utilizados, como no Experimento 1. A única diferença foi na sequência de itens. No Experimento 1, o par *cheio* foi quase imediatamente precedido por um par *longo*, com apenas um par de controle intervindo. Para avaliar a influência do par relativo, a ordem foi invertida, de modo que o par de adjetivos absoluto precedesse o par relativo. Os padrões de resposta do experimento 2 foram muito semelhantes aos do experimento 1, levando os autores a concluir que, aparentemente, as crianças não foram influenciadas em sua interpretação de *cheio* pela apresentação prévia de um AG relativo. Em vez disso, foi concluído que a disposição de tratar dois recipientes que não estavam completamente cheios como *cheio* independe de eles já terem visto ou não um exemplo de objeto completamente cheio.

Mesmo quando as crianças viam o par absoluto antes do relativo, mantinham as mesmas respostas dadas ao experimento anterior. Tomando estas observações como um ponto de partida, os autores criaram a hipótese de que as respostas dadas podem indicar não uma disposição de tratar *cheio* como relativo, mas sim uma disposição de tolerar uma certa quantidade de imprecisão por parte do fantoche. Ou seja, quando o fantoche solicitou *cheio* em um contexto em que nenhum dos dois objetos satisfizes exclusivamente a descrição, as crianças estavam dispostas a responder, entregando o objeto que mais se aproximava da descrição.

2.3. Experimento 3

O objetivo do Experimento 3 foi verificar se os resultados dos experimentos 1 e 2 não foram influenciados pelos adjetivos *cheio* e *manchado*.

Os materiais e procedimentos foram os mesmos utilizados no Experimento 1, com exceção dos pares de AGs absolutos. Em lugar dos dois pares de objetos em que era preciso entregar o *cheio*,

existiam dois pares correspondentes ao padrão máximo absoluto da escala de RETIDÃO. No lugar dos dois pares *manchados*, existiam dois pares correspondentes ao padrão mínimo absoluto. Esses pares foram projetados de forma semelhante a dos Experimentos 1 e 2, de modo que apenas um dos dois pares para cada adjetivo satisfazia os pressupostos da descrição definida.

Os resultados da Experiência 3, que replicaram os das Experiências 1 e 2, forneceram evidência de que o padrão de comportamento com AGs absolutos não é devido à idiosincrasia lexical, mas sim reflete aspectos dos significados desses termos. Isso indica que os processos interpretativos / avaliativos envolvidos na escolha de um objeto que se aproxima mais de satisfazer uma descrição baseada em um padrão absoluto de um AG_{máx} são diferentes dos envolvidos na escolha de um objeto que satisfaz uma descrição dependente de contexto com base em um AG relativo.

O experimento americano apresentou evidências de que aos 3 anos de idade, as crianças atribuem corretamente as denotações sensíveis ao contexto aos AGS *grandes* e *longos* quando estão na forma positiva: elas são capazes de mudar o padrão de comparação desses adjetivos de uma forma que seja apropriada para o contexto do enunciado. O fato de as crianças não atribuírem com frequência os mesmos tipos de significados sensíveis ao contexto para AGs absolutos nos mesmos cenários mostra que eles já fizeram distinções sutis entre predicados que são de outra forma semanticamente bastante semelhantes: ambos os AGS relativos e absolutos compartilham a característica fundamental de codificar um mapeamento de objetos para representações escalares, mas eles diferem um do outro quanto à forma positiva denotar ou não uma relação com um padrão de comparação sensível ao contexto de comparação ou um fixo.

O estudo mostrou ainda que aos 3 anos de idade as crianças não só estão conscientes dos pressupostos de existência e unicidade de uma descrição definida e singular, mas também estão dispostos a rejeitar por infelizes aqueles comandos que os violam. Ao mesmo tempo, as respostas das crianças aos estímulos envolvendo AGs relativos mostram que quando a acomodação de pressuposição é uma opção escolhida nesses casos, deslocando o padrão de comparação para que o adjetivo (e, conseqüentemente, a descrição) seja verdadeiro de apenas um membro de um par de objetos, elas, como os adultos, fazem o ajuste apropriado. Na análise dos três experimentos realizados, os resultados indicam que (pelo menos neste domínio) as crianças estão construindo o tipo de modelo de discurso complexo de expressões linguísticas com pressupostos e estão dispostas e capazes de mudar esses modelos para permitir a integração quando tal movimento é licenciado.

2.4. Considerações gerais sobre os experimentos americanos

O experimento americano apresenta uma evidência experimental para uma distinção entre dois tipos de variabilidade interpretativa. Um tipo, exibido por AGs relativos na forma positiva, é

fundamentalmente de natureza semântica e baseia-se no significado convencional de expressões particulares (ou combinações destas). Um segundo tipo, exibido por usos imprecisos de AGs máximos, é fundamentalmente pragmático e envolve a computação de um conjunto de denotações alternativas e um julgamento sobre qual delas conta como desvios toleráveis do significado real e preciso da expressão.

Segundo os autores, os resultados do experimento americano fornecem novos dados sobre a natureza e a variedade de sensibilidade ao contexto no significado e no uso. O experimento americano fornece evidência experimental para uma distinção entre dois tipos de variabilidade interpretativa.

Nas seções seguintes, serão apresentados os procedimentos e os resultados do experimento realizado com os adjetivos do português do Brasil para identificar características semelhantes ou não entre as duas línguas. Segundo a teoria utilizada nesse estudo, assume-se que escalas sejam um recurso do aparato conceitual e cognitivo humano, que subjaz à semântica de todas as línguas humanas. No entanto, a nosso ver, não é esperado que o comportamento das expressões funcione exatamente da mesma forma em todas as línguas, uma vez que há fatores pragmáticos e semânticos que atuam diferentemente em cada língua.

3. O experimento brasileiro

A intenção do estudo era reproduzir no Brasil o experimento americano, a partir da realização dos mesmos testes ou de testes similares. Assim como no inglês, os adjetivos do PB classificam-se como sem grau, de grau, relativo e absoluto, e essa similaridade indica que o experimento é aplicável. Para este estudo, resolvemos trabalhar apenas com pessoas maiores de 18 anos, diferentemente do estudo americano, que aplicou os testes com crianças e adultos. Consideramos que trabalhar com dois recortes de faixa etária levaria a um trabalho mais extenso, o que não seria possível para um trabalho do porte de uma monografia. Além disso, como era necessário obter uma licença na Plataforma Brasil por se tratar de um experimento envolvendo seres humanos, poderia haver muitas burocracias se o público envolvesse crianças, aumentando o prazo para a obtenção da licença. O esperado é que a opção por essa faixa de público (ou qualquer outra) não tenha nenhuma influência nos resultados, por o tema do teste ser visto como uma regra canônica, e não como uma regra variável. Assim como nos testes para o inglês, o interesse deste era determinar se a atitude diante de relativos seria diferente da atitude diante de absolutos.

O experimento realizado para este estudo, sob o número do parecer na Plataforma Brasil 2.371.912, foi feito em duas etapas: na primeira delas, os participantes deveriam julgar se o objeto tinha ou não a qualidade denotada pelo adjetivo; e, no segundo, deveriam entregar o objeto solicitado pelo investigador a partir da apresentação de pares de objetos. Os materiais utilizados nos dois experimentos foram os mesmos: oito conjuntos de objetos – cabo de vassoura, garrafa de água, linha

colada em cartolina, folha de papel, folha de papel suja, livro, lápis e elástico – formando, cada um deles, um grupo de sete objetos que partilham de uma dimensão saliente - *comprido/curto*, *cheio/vazio*, *ondulado/reto*, *amassado/liso*, *sujo/limpo*, *grosso/fino*, *grande/pequeno*, *esticado/frouxo*. Apesar de serem os mesmos materiais, as quantidades apresentadas a cada vez, em cada um dos experimentos, se diversificou; no primeiro, os participantes viram os sete objetos de uma só vez, e, no segundo experimento, o colaborador foi apresentado a apenas dois objetos de cada vez. Nenhum dos objetos era igual ao outro, e estavam distribuídos por ordem de TAMANHO, GRANDEZA, GROSSURA, OCUPAÇÃO e etc. A escolha dos objetos foi motivada pelo adjetivo que os qualifica, sendo sempre adjetivos de grau de qualquer tipo de escala. No total, foram trabalhados 16 adjetivos, sendo seis relativos (*curto*, *comprido*, *fino*, *grosso*, *pequeno* e *grande*), quatro AGs mínimo (*ondulado*, *amassado*, *sujo* e *frouxo*) e seis AGs máximo (*cheio*, *vazio*, *esticado*, *limpo*, *reto* e *liso*). Internamente a cada grupo de sete objetos, cada objeto tem um grau da propriedade diferente dos demais. Por exemplo, no grupo formado pelos cabos de vassoura, havia um deles que possuía um tamanho menor, com 30cm de comprimento, e os outros eram cada vez mais compridos, até alcançar o tamanho padrão de um cabo de vassoura, 1,20m, como pode ser observado na imagem abaixo:



Imagem 1 – Cabos de vassoura

Assim, na primeira etapa, os participantes classificaram cada um dos objetos, de cada um dos grupos, com respostas positivas ou negativas sobre se aquele objeto possuía ou não a propriedade que definia aquele grupo. Para o grupo do cabo de vassoura, por exemplo, alguns participantes definiram se cada um dos objetos era ou não curto, e outro grupo definiu, para cada um dos objetos, se eles eram compridos. Os resultados desse experimento serão apresentados posteriormente. Tratou-se, portanto, de uma tarefa de classificação com o objetivo de acessar a gramática internalizada dos participantes, a fim de definir os pressupostos de unicidade e existência que seriam utilizados no experimento 2. O teste foi *between* (cada participante viu uma parte distinta do material).

Assim, no segundo experimento, foi realizada uma tarefa de ação orientada por julgamento de

valor de verdade, na qual cada um dos participantes envolvidos, apresentado a um par de objetos pré-selecionados, foi instruído a escolher um deles que corresponda ao pedido feito pelo investigador. Nessa etapa, a partir de uma escala construída pelo experimento 1, que definia se objeto possuía ou não a propriedade denotada pelo adjetivo, foi criada uma tabela que pretendia organizar os adjetivos de acordo com os pressupostos de existência (existe, necessariamente, um objeto no grupo) e unicidade (há um e apenas um dos objetos).

No primeiro experimento, cada objeto era visto na companhia de outros 6, o que influencia nas respostas dos participantes, já que a visualização dos outros objetos altera o parâmetro de comparação. Isso ocorre, principalmente, para os AGs relativos, que possuem o parâmetro de comparação dependente do contexto. A condição do segundo experimento, em duplas, uma atendendo às suas pressuposições, outra atendendo à de existência mas não à de unicidade, outra violando as duas, é de escolha forçada. Pode ser que os participantes não se sintam à vontade para não entregarem nenhum dos objetos; pode ser que se sintam constrangidos a sempre entregarem um dos objetos.

Como apresentado na seção anterior, o experimento foi realizado em duas etapas que possuíam objetivos diferentes. Abaixo, seguem as especificações de cada um dos experimentos.

3.1 Experimento 1

Nessa primeira fase do experimento, os objetos estavam dispostos de acordo com a propriedade, em sequência crescente de tamanho, ocupação, sujeira e todas as outras propriedades. Visualizando todos os objetos na mesa, os participantes foram instruídos a classificar cada um deles com respostas positivas ou negativas para a pergunta "Esse (objeto) é x?" (Esse lápis é *grande*?). Nessa fase do experimento, os participantes foram instruídos a não acrescentar outros comentários em relação aos objetos. Os participantes julgaram os objetos a partir da apresentação do grupo completo. Dessa forma, havia uma comparação explícita sendo feita para cada objeto que estava sendo julgado, já que era possível comparar o objeto com o anterior a ele e o próximo, assim como o mesmo objeto em relação ao grupo todo.

Participaram dessa tarefa 16 pessoas: 12 com idades entre 18-24 anos (homens e mulheres); 2 com idades entre 25-3; 1 com idade entre 35-4; e 1 com 45 anos ou mais. A escolha da quantidade de participantes foi motivada pela necessidade de haver dois grupos formados por um número igual de pessoas, pois cada grupo veria uma lista com determinados tipos de objetos; e como eram oito grupos de objetos, os 16 participantes, divididos em dois grupos, poderiam classificar os objetos de forma proporcional.

Todos os participantes eram falantes nativos do português e apenas um dos participantes tinha o ensino superior completo; no entanto, nenhuma variável é significativa para o teste, uma vez que o experimento pretendia investigar competências da gramática internalizada dos falantes, o que

independe de nível de escolaridade, gênero, idade, local de nascimento e etc.

Os materiais consistiam numa série de sete objetos, distribuídos por oito grupos que partilhavam de uma propriedade saliente (por exemplo, COMPRIMENTO, GROSSURA, TAMANHO, ONDULAÇÃO, SUJEIRA, ESTICAMENTO, OCUPAÇÃO E LISURA). Cada um dos objetos que compunham o grupo possuíam um grau diferente da propriedade, isto é, havia sempre um objeto que possuía um valor mínimo da propriedade e um outro que possuía o valor máximo, e esses objetos se encontravam sempre nos extremos das disposições. Os outros objetos do grupo tinham valores intermediários entre essas duas propriedades.

Todos os voluntários viram os oito grupos de objetos e dentro desses grupos, cada um classificou os sete objetos apresentados. Como dentro de cada propriedade haviam dois polos, um que considerava o extremo mínimo e outro o extremo máximo, distribuímos aleatoriamente, entre os 16 participantes, duas tabelas (classificadas como tabela A e tabela B) que consideravam um dos extremos. Sendo assim, obtivemos a resposta de 8 participantes para cada uma das tabelas, totalizando 16 respostas para cada adjetivo do experimento. A tabela A foi responsável por classificar os objetos a partir do extremo mínimo, assim sendo, os participantes deveriam classificar os adjetivos *curto*, *vazio*, *reto*, *liso*, *limpo*, *fino*, *pequeno* e *frouxo*. A tabela B classificou os objetos a partir do extremo máximo: *comprido*, *cheio*, *ondulado*, *amassado*, *sujo*, *grosso*, *grande* e *esticado*. Alguns dos objetos estão apresentados a seguir:

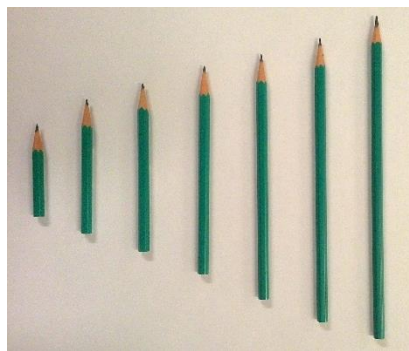


Figura 2 – pequeno-grande



Figura 3 – liso-amassado

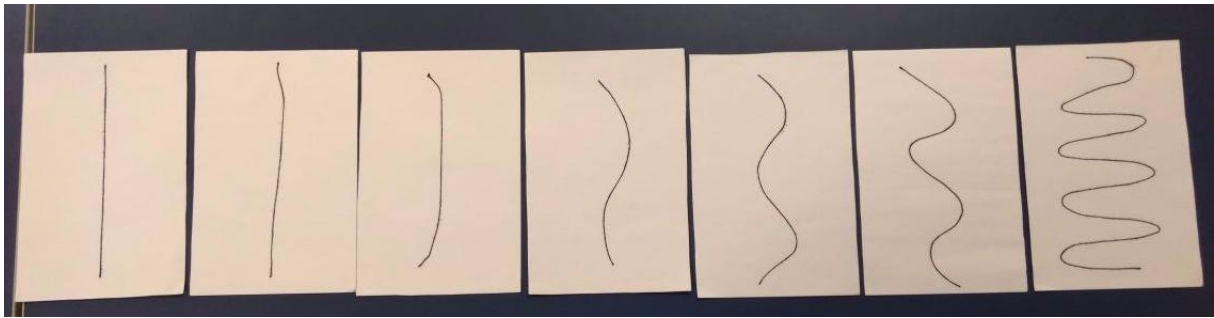


Figura 4 – reto-ondulado



Figura 5 – limpo-sujo

O comportamento esperado para os adjetivos relativos (*curto-comprido*, *fino-grosso*, *pequeno-grande*) é diferente do esperado para os adjetivos de grau absoluto (*vazio-cheio*, *reto-ondulado*, *liso-amassado*, *limpo-sujo*, *frouxo-esticado*), segundo a teoria adotada para este estudo. Para os adjetivos relativos, as respostas seriam variadas de acordo com a percepção de cada indivíduo e de acordo com cada objeto apresentado, por o parâmetro de comparação ser dependente do contexto, de livre escolha do próprio participante; a presença de objetos com graus inferiores e superiores da mesma propriedade criaria candidatos a parâmetros, influenciando as respostas. Já para os adjetivos absolutos, esperava-se que os participantes dessem respostas positivas apenas para o extremo de cada um dos objetos que correspondam com a ponta fechada da escala, uma vez que o parâmetro definido é impermeável ao contexto.

3.1.1 Resultados

Experimento 1 (Resultados compilados das tabelas A e B)

Número total de participantes: 16

As células trazem o número de participantes que deram respostas positivas para cada caso.

Tabela de Resultados: Julgamento de Valor de Verdade

(contabilização de respostas SIM à pergunta “Esse (nome) é (adjetivo)?”, apontando cada um dos 7 objetos). Ex.: *Esse lápis é pequeno?*

ESCALA	PROPRIEDADE	Adjetivo	1	2	3	4	5	6	7	
<u>ABERTAS</u> (relativos)	COMPRIMENTO	CURTO	16	15	14	11	3	1	0	
		COMPRIDO	0	1	2	5	13	15	16	
	GROSSURA	FINO	16	16	16	10	1	0	0	
		GROSSO	0	0	0	6	15	16	16	
	TAMANHO	PEQUENO	16	16	16	12	6	1	0	
		GRANDE	0	0	0	4	10	15	16	
<u>PARCIALMENTE</u> <u>FECHADAS</u>	ONDULAÇÃO	RETO max	16	7	5	0	0	0	0	
		ONDULADO min	0	9	11	16	16	16	16	
	LISURA	LISO max	16	4	0	0	0	0	0	
		AMASSADO min	0	12	16	16	16	16	16	
	SUJEIRA	LIMPO max	16	5	0	0	0	0	0	
		SUJO min	0	12	16	16	16	16	16	
	ESTICAMENTO	FROUXO min	16	16	16	13	0	0	0	
		ESTICADO max	0	0	0	3	16	16	16	
	<u>TOTALMENTE</u> <u>FECHADAS</u>	OCUPAÇÃO	CHEIO max	0	7	7	10	13	14	16
			VAZIO max	16	9	9	6	3	2	0

Lista completa de perguntas

- (1) Esse cabo de vassoura é curto?
- (2) Esse cabo de vassoura é comprido?
- (3) Esse livro é fino?
- (4) Esse livro é grosso?
- (5) Esse lápis é pequeno?
- (6) Esse lápis é grande?
- (7) Essa linha está reta?
- (8) Essa linha está ondulada?
- (9) Essa folha de papel está lisa?
- (10) Essa folha de papel está amassada?
- (11) Essa folha está limpa?
- (12) Essa folha está suja?
- (13) Esse elástico está frouxo/solto?
- (14) Esse elástico está esticado?
- (15) Essa garrafa está cheia?
- (16) Essa garrafa está vazia?

Os dados do experimento 1 demonstram que há uma conformidade nos julgamentos dos objetos: os participantes tendem a dar respostas semelhantes, criando uma escala bem definida nos extremos, isso é, os objetos 1 e 7, que são o menor dos objetos que possui a propriedade analisada e o maior deles, respectivamente. Quanto ao julgamento dado aos outros objetos, há uma flutuação acentuada nas respostas para todos os tipos de escala. As colunas 4 e 5, que são

intermediárias, apresentam um comportamento mais curioso. Um terço dos participantes pelo menos deu respostas distintas da dos demais para os relativos, mas houve consenso absoluto nas repostas de ONDULAÇÃO, LISURA E SUJEIRA; para os casos das propriedades de ESTICAMENTO E OCUPAÇÃO, as repostas podem ter sido influenciadas pelos matérias: o fato de não se enxergar bem dentro das garrafas e o fato de a base em que o elástico estava preso ter entortado, podem ter sido responsáveis pelos resultados diferente dos demais.

Para as escalas abertas, há uma tendência progressiva: curto passa de 16 a 15 e depois a 14; e a 11; a partir do meio, a queda é sensível: temos 3 na quinta coluna, 1 na sexta e zero na sétima; o outro polo vai inverter isso, até a quarta coluna a diferença é pequena no número de repostas, e a partir da quinta a queda é brusca. Essa divisão pelo meio não é vista nas escalas fechadas. E, na aberta, a oposição zero-16 não avança além da primeira coluna. Para as escalas fechadas, o esperado é que todos os AGs max tivessem o mesmo tipo de resposta, então *cheio* deveria ser igual a *vazio*, a *reto* e a *limpo*. No entanto, os resultados de cheio e vazio se afastam dos outros adjetivos de grau máximo, por apresentaram um comportamento mais variado de comparação, o que não é previsto pela teoria.

O esperado é que houvesse ordem crescente-decrescente, dependendo do polo, para escalas abertas, mas que os julgamentos ficassem mais definidos para as escalas fechadas, pois a presença de outro objeto com grau diferente não deveria incluir no julgamento de AGs cujo parâmetro está previamente dado, e não vem do contexto.

O resultado dos AGs máximos se apresentou diferente do esperado. Como o parâmetro precisa ser igual ao do argumento, não é esperado nenhuma resposta positiva para os objetos intermediários (2, 3, 4, 5, 6). Esperava-se que todos os participantes classificassem com repostas positivas apenas os objetos dos extremos (1 ou 7). No entanto, para todos os objetos que compõe o grupo dos adjetivos de grau máximo, ocorreram repostas positivas para os objetos intermediários, na maioria dos casos, ultrapassando $\frac{1}{4}$ de repostas positivas, um resultado que afasta o experimento do que prevê a teoria, sendo a diferença menor do que a encontrada no experimento americano. Nesse caso, a ordem em que os tipos de adjetivos apareciam pode ter influenciado a decisão.

Seguindo o que apresentam os dados, diríamos que há diferenças entre adjetivos absolutos e relativos. Entretanto, ocorreram algumas falhas e erros de execução com alguns dos materiais do teste, então o desenho do teste pode ter levado a esse tipo de resposta. Portanto, parece ser difícil sustentar a hipótese de que os adjetivos absolutos e relativos não são diferentes no português brasileiro baseando-se apenas nesse experimento.

3.2. Experimento 2

Nesse experimento, foi solicitado aos participantes que entregassem um dos objetos que estavam sendo apresentados em pares. Assim, os participantes deveriam julgar, a partir dos dois objetos, qual deles satisfazia ao pedido feito pelo pesquisador. Caso nenhum dos objetos satisfizesse à pergunta, os participantes poderiam não entregar nenhum dos objetos, e deveriam apenas dizer o porquê não entregariam. O pedido feito era: "me entregue o objeto x". Para analisar com mais precisão o comportamento dos participantes, também foi levado em consideração a demora ou não para entregar um dos objetos.

Para cada um dos pares de objetos, haviam dois pressupostos semânticos que deveriam ser respeitados ou violados. As tabelas criadas consideravam tanto os pressupostos de existência (deve haver um objeto) e a unicidade (objeto único dentro de um mesmo escopo), e haviam pares de objetos que satisfiziam ou violavam um ou ambos dos pressupostos da descrição definida e pares de objetos que respeitavam os dois pressupostos.

Tipo	Adjetivo	Ambas satisfeitas	Unicidade violada	Existência violada
RELATIVO	Curto	1-6	2-3	6-7
	Comprido	1-7	6-7	1-3
	Fino	1-5	1-3	6-7
	grosso	1-6	5-7	2-3
	pequeno	2-6	1-3	6-7
	grande	3-7	4-6	1-2
AG MIN	ondulado	1-5	6-7	1-2
	amassado	1-5	3-4	1-2
	Sujo	1-4	6-7	1-2
	frouxo	2-6	1-3	5-7
AG MAX	Cheio	3-7	6-7	1-2
	Vazio	1-5	1-2	4-7
	esticado	3-6	5-7	1-2
	limpo	1-6	1-6	6-7
	Reto	1-7	1-2	4-7
	Liso	1-5	1-2	5-7

Diferentemente do experimento 1, nesta etapa os participantes viram apenas dois dos sete objetos, o que, provavelmente, colaborou para a alteração do julgamento uma vez que o

parâmetro de comparação contextual se modificou: antes, a comparação era feita entre sete objetos, agora, há apenas dois para serem comparados.

Neste experimento, cumpria verificar as distinções semânticas existentes entre os adjetivos relativos e absolutos. Para tanto, a partir dos resultados obtidos pelo experimento anterior, selecionamos pares de objetos retirados de cada grupo. A escolha não se deu de forma aleatória, já que para cada um dos pares haviam dois pressupostos semânticos que deveriam ser respeitados ou violados: existência, unicidade e o respeito aos dois pressupostos. Para isso, foram montadas três condições diferentes para cada AG : (i) violação da unicidade, em que o participante era tinda de escolher um entre dois objetos julgados como portadores da propriedade no experimento 1; (ii) violação da existência, em que o participante era levado a escolher um entre dois objetos que, segundo o experimento 1, não tinham a propriedade ligada ao AG; e (iii) a terceira condição, em que as duas pressuposições eram respeitadas, pois apenas um objeto satisfazia o AG, segundo o experimento 1.

Para cada condição, dependendo da escala, era esperado um resultado diferente. Por exemplo, no caso de cheio/ vazio, que são AG máximos, no contexto de satisfação das pressuposições o participante entregaria o único que satisfaz a descrição; no contexto de não unicidade (6-7, para *cheio*), era esperado que entregasse o 7 (e aí é o caso de discutir se há unicidade, caso a diferença de conteúdo seja perceptível, visto que não há garrafas com o mesmo grau de conteúdo no experimento 1); e no caso de violação de existência (1 e 2 para *cheio*), que não entregasse nenhum, ou que demorasse bem mais.

É importante salientar que a criação da tabela para esse experimento, observando os pressupostos pretendidos, nem sempre se satisfaz da forma esperada. Uma vez que ela foi criada a partir das respostas dadas pelos participantes do experimento anterior, houve casos em que não havia como desrespeitar um desses pressupostos, já que existia uma divisão de respostas no experimento 1 e não uma unicidade constante. Além disso, as condições não saíram iguais para AGmax, AGmin e AG relativos, nem tampouco como previa a teoria utilizada para este estudo.

Participaram dessa tarefa, no total, 42 pessoas: 35 com idades entre 18-24, sendo dois homens e quatorze mulheres; 4 com idades entre 25-34, sendo um homem e três mulheres; 1 mulher com idade entre 35-44; 1 mulher e 1 homem com 45 anos ou mais. Todos os participantes eram falantes nativos do português e apenas um dos participantes possuía o ensino superior completo; no entanto, novamente, essa última variável não é significativa para o teste, uma vez que o experimento pretendia investigar competências da gramática internalizada dos falantes, o que independe de nível de escolaridade.

Para este experimento, cada um dos participantes avaliou pares de objetos selecionados do grupo de sete objetos. A escolha dos pares foi motivada pelas respostas dadas pelos participantes do primeiro experimento, sendo selecionado um objeto que respeitasse a unicidade, um objeto que respeitasse a existência, outros que violasse os dois pressupostos, sendo assim para cada um dos grupos.

Como as tabelas foram criadas a partir de pressupostos semânticos, havia algumas perguntas que violavam, propositalmente, esses pressupostos. O objetivo era observar se os participantes trabalhariam de forma adequada com a imprecisão e se fariam algum tipo de acomodação para atender aos pedidos do investigador. Já que os participantes poderiam ou não entregar o objeto solicitado, acredita-se que, frequentemente, havia uma avaliação do contexto com respeito aos pressupostos da descrição definida e, em alguns casos, uma acomodação.

Com base na semântica dos AGs discutidas nas seções anteriores, nós prevíamos o seguinte: como os AGs relativos, como *grande*, *comprido* e *grosso*, dependem do contexto para o padrão de comparação, o participante poderia trocar o padrão de comparação de contexto a contexto, assumindo o segundo objeto, saliente no contexto, como o parâmetro de comparação do primeiro, e vice-versa, a fim de assegurar que a descrição definida contendo o adjetivo seja verdadeira de apenas um objeto, respeitando, dessa forma, os pressupostos de existência. Assim, os participantes devem sempre ser capazes de acomodar os pressupostos da descrição definida e aceitar o pedido. Pares envolvendo AGs absolutos (máximos e mínimos) fornecem seus próprios parâmetros de comparação e não dependem do contexto, assim não deveria ser tão fácil acomodar a pressuposição. Como os AGs absolutos (máximos e mínimos) na forma positiva têm padrões de comparação fixos e não dependem do contexto, não devem permitir a mesma flexibilidade de uso como AGs relativos. Por exemplo, se *sujo* simplesmente significa "tem um tanto de sujeira", os participantes devem rejeitar os pedidos para *sujo* quando confrontados com dois objetos com essa propriedade, mesmo quando eles têm um número significativamente diferente de sujeira, porque isso iria incorrer em uma violação de unicidade. Da mesma forma, se *vazio* significa 'igual a 0% de ocupação', os participantes deveriam rejeitar os pedidos para *vazio* quando confrontados com dois recipientes parcialmente cheios, mesmo quando eles contêm quantidades significativamente diferentes de material, porque o pedido incorre em violação de existência.

O esperado é que, para os absolutos, os participantes respeitem os pressupostos de existência e unicidade e rejeitem entregar algum dos objetos quando um desses pressupostos for violado. No entanto, é esperado que, para os adjetivos relativos, haja algum tipo de acomodação decorrente do fato de esses adjetivos permitirem isso, já que constroem um novo

parâmetro de comparação para cada par que estiver sendo comparado. Já para os adjetivos de grau absoluto, que segundo a teoria adotada para o estudo apresentam extremos mínimos e/ou máximos delimitados previamente, é esperado que os participantes rejeitem o pedido, não entregando nenhum dos objetos.

3.2.1 Resultados

TIPO	ADJETIVO	ENTREGOU ¹			DEMOROU E ENTREGOU ²		NÃO ENTREGOU ³	
		RESPEITA AS DUAS CONDIÇÕES	NÃO RESPEITA UNICIDADE	NÃO RESPEITA EXISTÊNCIA	NÃO RESPEITA UNICIDADE	NÃO RESPEITA EXISTÊNCIA	NÃO RESPEITA UNICIDADE	NÃO RESPEITA EXISTÊNCIA
Relativo (de escala aberta)	curto	14	11	7	2	0	1	7
	comprido	14	9	10	1	2	4	2
	fino	14	13	6	1	1	0	7
	grosso	14	11	5	1	1	2	8
	pequeno	14	11	8	2	2	1	4
	grande	14	13	7	1	1	0	6
AG Min (comparação de igualdade - tem de ser diferente do parâmetro)	ondulado	14	6	6	2	0	6	8
	amassado	14	4	14	3	0	7	0
	sujo	14	5	12	0	0	9	2
	frouxo	14	9	4	2	2	3	8
AG Max (comparação de igualdade- tem de ser igual ao parâmetro)	cheio	14	13	3	1	0	0	11
	vazio	14	14	3	0	0	0	11
	esticado	14	6	4	1	0	7	10
	limpo	14	13	2	1	0	0	12
	reto	14	14	1	0	0	0	13
	liso	14	14	1	0	0	0	13

¹ Entregou logo o objeto com maior/menor grau da propriedade (dependendo de o polo ser positivo ou negativo)

² Demorou e entregou no fim o objeto com maior/menor grau da propriedade (dependendo de o polo ser positivo ou negativo)

³ Preferiu não entregar nenhum dos objetos

O experimento 2 apresenta resultados mais bem delineados que o primeiro. A exceção para esse comportamento foi o adjetivo *esticado*, no qual houve recusa na entrega por parte de 7 participantes, que justificaram o fato de não poderem entregar nenhum dos objetos, pois ambos estavam *esticados*. Esse, provavelmente, foi um problema na execução do desenho do experimento que ocorreu por conta de o material ter sido inadequado (a estrutura que sustentava o elástico cedeu, e a esticada ficou frouxa também). O teste deveria ser refeito, mas não foi possível por falta de tempo hábil. Assim, o comportamento desse objeto é atípico, e uma justificativa para esse mal comportamento em relação aos outros objetos é que o material utilizado para representar esse adjetivo, de fato, apresentou algumas falhas ao longo do experimento, e isso pode ter influenciado nas respostas das pessoas. Portanto, o par *esticado-*

frouxo não foi considerado na análise dos dados.

Nesse experimento, os adjetivos de grau máximo não apresentaram o comportamento esperado. Os adjetivos *cheio*, *vazio*, *reto*, *liso* e *limpo* foram representados pelos pares (6-7), (1-2), (1-2), (1-2), (1-2), respectivamente. No primeiro experimento, tanto o objeto de número 6 quanto o objeto de número 7 foram classificados como *cheio*, o mesmo ocorrendo para os outros pares, que foram ambos classificados com a propriedade denotada pelo adjetivo. No entanto, diante do pedido do entrevistador que solicitava a entrega do objeto cheio, vazio, reto, liso e limpo no segundo experimento, para esses casos, a preferência total se deu pela entrega do objeto que possuía o maior/menor grau da propriedade. Para que as validações do experimento 1, que considerou os dois objetos como detentores da propriedade, fossem verdadeiras, o esperado era que os participantes não entregassem nenhum dos objetos, já que considerariam que ambos atendem ao que foi solicitado e que não poderiam entregar nenhum, e não foi o que ocorreu. A demora de alguns participantes para entregar um objeto se justifica pela incerteza promovida pelo experimento 1, que tratou os dois objetos como detentores da propriedade do adjetivo.

Já para o pressuposto de não respeitar a existência, ainda analisando os adjetivos de grau máximo, percebe-se que há um comportamento diferente. Nesse caso, nenhum dos objetos selecionados para compor os pares foram classificados no experimento 1 como detentores da propriedade do adjetivo, e como os adjetivos de grau máximo exigem equivalência ao parâmetro de comparação, o esperado era que, de fato, os participantes não entregassem nenhum dos objetos. No entanto, uma quantidade significativa de participantes optaram por entregar um dos objetos. Uma justificativa provável é que as pessoas se sentiram tentadas a responder, entregando o objeto que mais se aproxima do pedido.

No caso dos adjetivos relativos, e lembrando que o parâmetro desse tipo de adjetivo é proveniente do contexto, isto é, é escolhido um parâmetro de comparação que pode ser um objeto saliente no contexto, o esperado é que não haja relutância por parte dos participantes para entregar um dos objetos. Como se trata de adjetivos de escala aberta, a comparação dos objetos é mais flexível. E é, de fato, esse comportamento mais flexível que foi observado na análise dos dados. Para o pressuposto de não respeitar a unicidade, os participantes entregaram em todos os casos o objeto que tinha mais quantidade da propriedade denotada pelo adjetivo, por exemplo, no caso de *curto*, os participantes entregavam o objeto mais curto; no caso de *fino*, os participantes entregavam o mais *fino*, e assim sucessivamente.

No entanto, em relação à violação do pressuposto de existência para os adjetivos relativos, o número de participantes que resolveram não entregar nenhum dos objetos foi maior do que o

número de participantes que entregaram um dos dois, especialmente para os adjetivos *curto*, *fino* e *grosso*. Esse dado causa um pouco de estranhamento, uma vez que o parâmetro de comparação é passível de manipulação contextual e os participantes poderiam fazer uma adaptação na comparação, mas há uma provável explicação: os pares selecionados para representar esses adjetivos foram os objetos do extremo da escala para *curto* e *fino*, no caso, os objetos 6 e 7 (objetos considerados compridos e grossos no experimento 1); e os objetos 2 e 3 para 'grosso' (objetos considerados fino no experimento 1). Nesse caso, ainda que não houvesse respeito ao pressuposto, os participantes não entregaram nenhum dos objetos alegando que os dois eram compridos no pedido "me entregue o objeto curto", os dois eram grossos, no pedido "me entregue o objeto fino", e os dois eram finos no pedido "me entregue objeto grosso". Em síntese, o que pode ter influenciado o fato de os participantes preferirem não entregar nenhum dos objetos é que em todos eles a diferença entre os objetos era muito pequena para estar saliente no contexto e marcar um contraste claro entre os objetos – eles eram praticamente do mesmo tamanho ou espessura. Também é possível considerar o fato de que adjetivos relativos têm posições intermediárias: se um livro não é fino, não necessariamente ele será grosso, ele pode ter uma espessura normal. Talvez fosse o caso de a espessura de alguns livros utilizados ter sido mais notável, para facilitar a escolha dos participantes.

Para os adjetivos de grau mínimo, o esperado era que os participantes demorasse mais em suas respostas, hesitantes na entrega. Como o estado do objeto tem de ser diferente do parâmetro, os participantes precisariam analisar melhor os pares. Ao explorar os dados referentes aos adjetivos de grau mínimo para o pressuposto de unicidade, assim como ocorreu com os adjetivos de grau máximo, ambos os objetos que compunham o par foram considerados como detentores da propriedade do adjetivo no experimento 1. Assim, ao analisar os pares, o esperado era que os participantes não soubessem qual objeto entregar. Os dados mostram um resultado bem irregular para essa tabela. De fato, a quantidade de pessoas que entregaram um dos objetos em comparação com aquelas que preferiram não entregar ficou bem próxima. As não entregas eram esperadas, e as entregas podem ser justificadas porque, provavelmente, alguns dos participantes se sentiram pressionados a sempre entregar um dos objetos ao pesquisador.

Em relação ao pressuposto de existência para os adjetivos de grau mínimo, observou-se que *amassado* e *sujo* teve o número de entrega bem próximo ao total, e o objeto entregue foi o que possuía a maior quantidade da propriedade denotada pelo adjetivo. As exceções ao comportamento regular foram *ondulado* e *frouxo*. No caso de *ondulado*, o par era formado pelos objetos 1 e 2, e os participantes, em sua maioria, resolveram não entregar nenhum dos objetos,

porque consideraram que o 2 não era uma linha ondulada, era uma linha que estava levemente torta; novamente, trata-se de um problema com os materiais utilizados no experimento. No caso de *frouxo*, o par era formado pelos objetos (5 e 7, ambos considerados esticados no experimento 1). Os participantes que entregaram, deram o objeto menos esticado e os que resolveram não entregar nenhum dos dois, justificaram dizendo que ambos estavam esticados.

O que pode ser observado, de modo geral, é que, em alguns contextos, os adjetivos absolutos na forma positiva podem ter sido reanalisados como comparativos. Assim, os participantes trataram a forma positiva ("me dê o A") equivalente à forma comparativa ("me dê o mais/menos A").

4. Considerações finais

O objetivo inicial do trabalho foi constituir evidências a partir de um experimento linguístico que fornecesse distinções semânticas entre os adjetivos relativos e absolutos. Uma vez que os parâmetros de comparação foram adequadamente modificados pelos participantes, foi comprovado que existem diferenças entre os adjetivos do português brasileiro, no entanto, os resultados parecem indicar que, em alguns contextos, há a possibilidade de tratar os adjetivos relativos e absolutos de forma semelhante.

Por outro lado, os resultados obtidos pelos experimentos realizados com os adjetivos do português brasileiro apresentaram um comportamento distante dos resultados dos adjetivos do inglês americano. Assim como no inglês, no PB os relativos e absolutos não permitem a acomodação de pressuposição da mesma forma; apenas o relativo permite acomodação. No entanto, os brasileiros reagem às violações de pressuposição de maneira diferente dos americanos: parecemos ser mais tolerantes aos casos de acomodação, utilizando desse método muito mais vezes, a fim de atender à solicitação do entrevistador. Isso pode ser justificado por uma questão pragmática. Para sustentar essa possibilidade, teria que ser feitos testes só de acomodação de pressuposição, para mostrar que o brasileiro sempre acomoda, e desenhar um teste para os adjetivos de grau que não dependesse de pressuposição.

Um outro aspecto que afasta os adjetivos do português brasileiro dos adjetivos americanos é o fato de que os participantes deste experimento trataram os adjetivos absolutos de forma similar aos relativos, um resultado muito diferente do experimento americano. A partir desses resultados, é possível considerar a possibilidade de que os adjetivos absolutos também tenham padrões que possam ser deslocados em diferentes contextos para acomodar os pressupostos do determinante definido.

Portanto, o estudo evidencia as diferenças semânticas existentes entre os adjetivos

relativos e absolutos, o que corrobora a proposta de Kennedy e McNally (2005), e apresenta distinções assim como universais entre as duas línguas que foram alvo dessa pesquisa. Embora os experimentos realizados com os adjetivos do PB tenham sido diferentes em relação ao público e aos objetos utilizados, pode-se considerar que não foram esses fatores que influenciaram nas diferenças existentes nos resultados dos experimentos.

Entretanto, os pontos distintos entre os adjetivos americanos e os adjetivos brasileiros ainda precisam ser revistos para que se considere, definitivamente, as diferenças semânticas em relação às duas línguas, uma vez que os testes realizados nesse experimento apresentaram alguns erros de execução que poderiam vir a ser evitados numa próxima oportunidade, mas que só ficaram perceptíveis neste piloto, o que pode ter influenciado os resultados.

BIBLIOGRAFIA

KENNEDY, Christopher. 2007. Vagueness and grammar: The semantics of relative and absolute gradable adjectives. *Linguistics and Philosophy* 30(1). 1–45. doi: 10.1007/s10988-006-9008-0.

KENNEDY, C.; LIDZ, JEFFREY & SYRETT, KRISTEN. Meaning and Context in Children's Understanding of Gradable Adjectives. *Journal of Semantics* 0: 1–35. doi:10.1093/jos/ffp011.

KENNEDY, C.; MCNALLY, L. Scale Structure, Degree Modification, and the Semantics of Gradable Predicates. *Language*, v. 81, n. 2, p. 345-381, 2005.